

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--2 de Janeiro--1930

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

**189**



# fixe

semanario humoristico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57



O satirista e amigo de Cassiano Neves, continua a combater  
com o maior denodo a tuberculose





## Os ditos da semana



# JUIZO DO ANO

O novo ano, se o sr. dr. Vasco Borges não está enganado nas belicosas profecias que ha dias fez no «Diario de Noticias», vae ser governado por Marte e não por Mercurio como pretendia o astrologo João José Ferraz. Todavia o Mercurio não deixará de ter applicação.

Os gazes asfixiantes, segundo o sr. dr. Vasco Borges, reben-tarão por todos os lados e, posto que se trata duma guerra traiçoeira, duma guerra desleal e cobarde, reben-tarão especialmente por de traz, á falsa té, para que a gente nem tenha tempo de levar a mão ao nariz.

1930 vae ser, pois, um ano terrivel! sob todos os aspectos, um ano fatidico, como os proprios algarismos indicam: nove, fóra, nada, ficam apenas os 13 do azar, do enguiço, —cruzes canhoto! A unica virtude do ano que entra consistirá em não se ter ficado a 29, o que já não é mau.

Entre os males previstos para o novo ano avultam os seguintes: a igreja de Santa Engracia e o Monumento da Guerra Peninsular continuarão por acabar: o Palacio da Justiça por fazer e o mostren-go do Elevador da Gloria por deitar a baixo, além de que o sr. dr. Costa Lobo não irá lá fóra levantar, mais uma vez, o bom nome da sciencia nacional, nem o sr. dr. Agostinho de Campos virá cá dentro fazer uma conferencia em espanhol.

Em compensação, prevê-se que o Pinheiro Maluco venha a enjuizecer e que alguns sabios percam o uzo da razão para vér se isto se endireita.

Todavia, e apesar de todos os desastres que se anunciam, em matéria de construcções vamos progredir um pouco. Construe-se o tunel sob o Tejo, para fazer *pendant* com os castelos no ar que ha longos anos se vae edificando; construe-se um edificio para a Faculdade de Letras, porque havendo a fa-

culdade de construir não se compreende que as leis sejam letras mortas; e, para que não se perpetue a vergonha internacional de não haver um campo de aviação dentro da capital, alargam-se as barreiras de Lisboa até Alverca, afim de que o campo de aviação que já lá existe fique dentro da cidade.

Os ordenados e salarios não serão aumentados, mas, com o fim de tornar a vida mais facil a quem ganha pouco, nos hospitaes far-se-hão gratuitamente as operações de laparotomia para extracção de algumas tripas mais exigentes e para a redução do estomago a um minimo compativel com um papo seco por refeição.

A nossa esquadra não será aumentada, mas, para que se não sinta a sua exiguidade, rebocar-se-ha Almada para o meio do Tejo e mandar-se-ha dizer para o estrangeiro como se diz nas gazetas—por falta de espaço, não temos mais navios.

No Terreiro do Paço inaugurar-se-hão as entradas do tunel, que já se acham quasi construidas e, imediatamente, se lançará mão dos tubos de agua comprimida, para começar a cavação do tunel. Será uma cavação como outra qualquer.

Na cidade não se rasgarão novas avenidas, porque a Camara Municipal que é conservadora, não pode consentir em semelhantes estragos.

Conservar-se-hão as que já existem, com o respectivo lixo e as competentes covas para que os automoveis possam dançar o *charleston* e os cães encontrem agua potavel para beber nos dias de chuva, visto que a do sr. Carlos Pereira conduz á cova, ao lixo, ao pó, á terra, á cinza, ao nada.

Na agricultura, intensificar-se-ha a campanha do trigo, devendo dar-se o primeiro combate ai pelas alturas de Alcantara, quando fór do ataque ao posto de abastecimento da Portugal e Colonias, prevendo-se que a detesa seja feita com pão de munição.

O Alemtejo não será irrigado, mas proceder-se-ha á sua arborisação afim de mudar o regimen das chuvas, o que dá quasi o mesmo resultado, ainda com a vantagem da mudança de regimen.

Caminhos de ferro não se fazem porque, quando se fizerem, hão de ser coisa melhor de prata ou de oiro, porque não se compreende um paiz rico com caminhos de ferro.

Os lapis azues continuarão a ser aparados com uma tesoura de prata e a riscar para o seculo... *seculorum*.

O inverno será rigoroso, tão rigoroso como o fado ou como um policia sinaleiro, frio de rachar e calor de coser pão em cima duma pedra, com algumas chuvas á mistura para refrescar, já que não ha esperanças de uma chuva de picaretas para aquecer.

O frio far-se-ha sentir sob todas as formas, mesmo sob a forma de sorvete e carapinhada, para o que a campanha do trigo dará as competentes palhinhas.

Emfim o frio será tanto que *Deus super omnia*, que é como quem diz que até Deus Nosso Senhor andará de sobretudo.

No resto manter-se-ha tudo na mesma que é a principal característica do trinca-espinhismo nacional.

## Maria Adelaide de Lima Cruz



Uma artista que vive na Avenida de Boas Artes — all tem levado inumeros admiradores do brilho da sua paleta e da sua gentileza.



# Coisas ao acaso O Paulino dos trocos Elevador da Gloria

Chegou a Sevilha um madrileno, na esperança de que, com a mudança de terra, a sua sorte mudaria também.

Comsigo levava apenas uma mala que, para salvar as aparências e ter peso, levava dentro uma boa quantidade de jornais e algumas pedrinhas de calçada.

Minutos depois de desembarcar, o nosso homem hospedava-se numa modesta pensão, depois de ter pago oito dias de hospedagem adiantadamente.

O certo é que, contra todas as esperanças, a sua situação, em vez de melhorar — piorou.

Piorou, já porque não tinha um centimo de seu, já porque o dono da pensão lhe recordava diariamente que era necessário pagar.

Desculpou-se o madrileno da falta de pagamento com o recebimento de uma letra vinda de Madrid e que o salvaria das dificuldades.

Decorreram dias e dias, e sempre que o homem da pensão lhe falava em dinheiro, dizia o madrileno:

— Tenha V. paciência. A letra deve chegar por estes dias e eu saldarei então a minha conta.

Voltaram a correr dias e dias e o hospedeiro, maçoado com a desculpa da letra, disse, zangado, para o madrileno:

— Sabe o que lhe digo? Que essa letra de que V. fala... deve ser a a última do abecedário.

\* \* \*

Um inglês fuma fleumaticamente o seu cigarro enquanto o navio corre veloz sobre as águas em direcção a Inglaterra.

Entre os passageiros vê o britânico um francês que, algum tempo antes, encontrara em Trouville.

O francês, contentíssimo, estende-lhe a mão, dizendo:

— Que grande prazer tenho em vê-lo!... Eu vou para Brighton e V.?

— Eu... vou para Londres...

— Passa lá o verão?

— Talvez... Isso depende... V. compreende... os negócios...

— Ah! Quere dizer: você desta vez não viaja por prazer...

— Não... Vou entregar um joven compatriota á familia...

— V. é o seu perceptor?

— Não, senhor...

— Mas ainda não vi o seu amigo...

— Está lá em baixo...

— Então chame-o e diga-lhe para vir jantar conosco...

— Impossível. Está morto.

\* \* \*

Um americano tem um processo no tribunal.

No dia do julgamento, o seu advogado, assim que o juri deu a decisão a seu favor, apressou-se, todo contente, a enviar ao constituinte o seguinte telegrama:

«Ante a justiça ganhou a razão.»

Resposta do americano:

«Recorra da dec.sua.»

Era um tipo extraordinario este Paulino, diferente de todos os outros Paulinos, conhecidos e por conhecer.

Tornou-se notavel pela maneira extravagante de se expressar durante uma conversação, pois trocava a colocação das palavras, estropeando o sentido da frase, a ponto de tornar-se quasi incompreendido. E não era para fazer-se engraçado que assim procedia, pois, segundo confessava, as palavras saiam-lhe trocadas sem ele dar por isso.

Por isso lhe chamavam o Paulino dos trocos.

Ha milhares de amostras do seu feitiço especial, das quais a seguir vão algumas.

Tencionando uma vez ir visitar seu primo Coelho, reparou que tinha o cabelo muito crescido. Saiu de casa dizendo:

— Vou visitar o cabelo, e de caminho aproveito e corto o Coelho!...

Nas noites de inverno costumava dormir com um barretinho de lã, para agasalhar a cabeça. Ao ir deitar-se, disse á esposa:

— Estou hoje muito constipado; quero dormir com a criada. Diz ao barrete que a traga.

Doutra vez, ao dar a noticia de que seu cunhado Carneiro tinha ferido a testa ao dar uma queda, disse assim:

— O testa caiu hoje e ficou com o Carneiro muito esfolado, coitado...

No dia de Reis comprou um bolo e por azar coube-lhe a fava. Arrellado com o caso, foi logo para a cama, dizendo:

— Salu-me um bolo-rei na cama! Vou á fava!...

Certa ocasião, appareceu no club muito zangado porque a cosinheira tinha feito a canja com colorau a mais, e contou o caso da seguinte maneira:

— A cosinheira hoje soube-me a canja! Descuidos do colorau...

Tinha duas gatas lindissimas que morreram quando da epidemia dos diabetes. Paulino, desolado, contou assim o caso:

— Os meus dois diabetes, coitados, morreram de gatos!...

Era um nunca acabar de disparates, que espantavam quem os ouvia.

Tinha no quarto da cama uma linda lampada de vidro colorido, que lhe haviam dado de presente de noivado. Tinha-a em grande apreço, mas um belo dia appareceu-lhe toda chela de rachas, sem saber qual a razão. Foi o bastante para se sair com esta:

— A minha mulher appareceu esta manhã toda rachada! A lampada, quando a viu, até desmaiou com o desgosto!...

A ultima manifestação deste seu feitiço extravagante foi ontem, na soiree da D. Conceição, esposa do conselheiro Neves.

Na ocasião do baile, aproximou-se o Paulino da dona da casa e, curvando-se respeitoso e amavel, disse:

— Sr.\* D. Valsa, V. Ex.\* concedeme a honra desta Conceição?

Palavras não eram ditas, ressoa pela sala o estampido de duas estampilhas, dadas com toda a alma na cara do Paulino pelo conselheiro Neves.

— Seu malandro! Pedir a honra de minha esposa e demais a mais nas minhas barbas! Rua, seu descaradão!...

Mas mesmo em tão lancinante transe, a sua mania incorrigivel se manifestou, pois, ao vêr-se na rua, só e com as bochechas a arder, murmurou:

— E' bem feito! Para que quiz eu armar em gentleman valsista? Quem me manda a mim, rabeção, tocar sapateiro?...

Pela copia,

Armando Serodio



A senhora: — Não tenho o costume de falar muito. Quando fizer um sinal com a mão quero dizer que chamo por si!

A criada: — Eu também não gosto de falar muito! Se mexo a cabeça quero dizer que não vou quando a senhora chamar por mim...

\* \* \*

Numa biblioteca particular:

— Pode emprestar-me um livro de Camilo?

— Um livro? Impossível, meu caro! Nunca se devolvem os livros que nos emprestam. Foi assim que fiz a minha biblioteca!...

\* \* \*

Entre amigos:

— Disseram-me que num ano fizeste toda a tua fortuna ao jogo?

— E' exagero. Não foi num ano; foi em seis meses!...

\* \* \*

No campo:

O camponio: — O que estás fazendo na minha horta?

O garoto: — Apanho bichos para servirem de isca aos pelxes... Dou-lhe metade do que pescar!

O camponio: — E se não pescares nada?

O garoto: — Então... então dou-lhe metade dos bichos!...

\* \* \*

Nos Restauradores:

— A que horas sai o carro da uma e dez?

O expedidor: — A' uma e vinte!

\* \* \*

Entre miudos:

— Porque não veio hoje o Joaquito?

— Está muito doente!

— O que tem?

— Uma indigestão! Comeu ontem muitos bolos.

— Quem me dera ser ele!...

\* \* \*

O novo hospede: — A senhora tem cara de boa pessoa. Deve ser muito bem educada!...

A patroa: — Quem vê caras não vê corações! Se me paga bem, sou um lirio, mas se não paga sou uma fera...

\* \* \*

O mendigo: — Podia dar-me umas botas velhas?

O benemerito: — Para quê, se tem umas botas novas?

O primeiro: — Exactamente por isso! Com estas botas á papo-sêco ninguém me dá esmola!...

\* \* \*

O alfarrabista ambulante: — Compra-me este livro?

O bibliografo: — Só compro bibliotecas inteiras!

O primeiro: — Pois eu asseguro-lhe que este livro representa toda a minha biblioteca!...



## Um momento psicologico

— Inteiramente ao seu dispor, minha senhora...

E o moço escritor, grande mestre de psicologia, visionou imediatamente uma aventura quando viu entrar no seu gabinete de trabalho a formosa dama que o procurava.

Breve ela explicou o fim que tinha em vista.

— V. Ex.<sup>a</sup>, habil psicologo como o deve ser todo o homem que se dedica a literatura, certamente não vai estranhar que... — quem sabe... — uma das suas futuras personagens de novela venha pessoalmente ao seu encontro, interromper os seus afazeres para fazer algumas perguntas:

— Oh! minha senhora!

— Digame: neste escritorio trabalha tambem um outro seu colega, não e verdade?

— Sim, minha senhora — responde o illustre escritor, para não desmentir a visitante e conservar mais tempo o ambiente da intriga.

— E esse escritor esteve na Argentina?

— Sim, minha senhora.

— Muito bem. E' que ele encontrou-se comigo a bordo, nessa viagem. Fizemos um pequeno *flirt*, sem consequencias, está bem de vêr, e combinámos um encontro em Portugal.

«Ora o meu apaixonado nunca se mostrou muito claro quanto á sua identidade. Pedia-me segredo... que depois revelaria tudo... Enfim! Vida de bordo — a aventura interessou-me. Ha dias encontrei-o. Beatamos conversa e ele deu-me esta morada. Disse que era escritor, que tinha publicado lindos contos, magníficos sonetos, e que trabalhava de sociedade com um seu colega... talvez vocelencia».

— Como se chama?

— Afonso de...

— Tal qual. Mas é curioso. As minhas novelas... os meus romances empolgando uma mulher bonita... Aberravel... Mas é gloravel esta linda aventura, porque Afonso de... esse nome... E' o meu. Gostava então muito dos meus livros?

— Muito! Não imagina.

O moço escritor ficou radiante. Que linda aventura e que linda mulher! Com pouco esforço, realizou a sua optima conquista.

Preparava-se para uma grande tirada, que abrisse o coração da formosa dama, quando bateram á porta e uma voz de homem grita de fóra.

— Estás cá, Afonso?

— Ele! — exclamou a visitante. — Conheço-lhe a voz.

— Bela scena! — pensou o escritor. — Isto favorece-me. O intrusão que se fez com uma mulher usando o meu nome vai ser desmascarado na minha frente. A mulher é minha. E abriu a porta com um grande gesto.

Mas com grande espanto viu a linda mulher dirigir-se ao recémchegado, um dos amigos banais de café, e exclamou, comicamente zangada:

— Seu intrusão! Fez-me incomodar este senhor! Felizmente que ele é um grande psicologo e uma excelente creatura. Vamo-nos embora, seu grande parlatão. Precisamos muito de falar a sós. Tenho umas contas a ajustar consigo!

Não é possível definir a cara do escritor.

## Historia londrina

Acreditam que um charuto possa salvar um homem da prisão? Pois foi assim mesmo.

Lord Somebody, que acabara de jantar, fumava tranquilamente o seu charuto, recostado a um canto da carruagem, os olhos semi-cerrados, tão absorto na volupia de fumar que mal dava pela presença, a seu lado, de Miss Trivialidy.

Miss Trivialidy, porém, não compartilhava da mesma indiferença, no que se referia a Lord Somebody. Pelo contrario, a forte personalidade daquele lord atraia-a com uma certa violencia. Se ele quizesse... que bela camaradagem se não estabeleceria entre ambos, para amenizar a monotonia do percurso!

Miss Trivialidy, desejosa de entrar em relações com Lord Somebody, foi-se, a pouco e pouco, aproximando dele. Não havia mais ninguém naquele compartimento da carruagem, e isso permitia-lhe, a Miss Trivialidy, uma maior liberdade de manobra e maior rapidez de movimentos. Mulher d'acção, era mais para obras do que para palavras... E assim, á medida que se aproximava de Lord Somebody — imperturbavel na volupia do seu charuto — Miss Trivialidy fazia subir um pouco mais a saia, alargava um pouco mais o decote — como Eva teria feito no Paraizo, se no Paraizo existissem esse artificios da nossa civilização...

... O momento culminante chegou. Decomposta, os cabelos em

desalinho, o decote rasgado mostrando uns seios tersos, mais vermelha que de seu natural, Miss Trivialidy chamou o inspector da carruagem — que ali exercia funções de policia, como um capitão no alto mar — e queixou-se-lhe amargamente — e ferozmente:

— Esta senhor atentar minha pudor. Vêr como eu estar quasi despidada. Mim exigir indemnização cincoenta libras.

Cortês, o inspector da carruagem avançou sobre Lord Somebody:

— Lord ter de pagar atentada pudor este senhora. Mim ser testemunha senhora estar quasi despidada, ter lutada contra Lord...

Lord Somebody decidiu-se, então a quebrar o seu silencio; e, erguendo para o inspector da carruagem, entre os seus dedos aristocraticos, o charuto já quasi fumado, mas cuja cinza se conservava intacta, respondeu-lhe:

— Vêr cinza minha charuta... estar inteira. Senhor acreditar se mim atentar pudor este senhora, cinza minha charuta ficaria como estar?

O argumento era de tanto peso que a digna autoridade não teve mais do que curvar-se. Lord Somebody estava inocente; Miss Trivialidy, pelo contrario, é que foi multada por atentar contra as albigelas de Lord Somebody...

Ruysell.

## Sempre a "cavar"

João Benamôr — apelido da época, sugestivo — era um atirador de 1.<sup>a</sup> classe da carreira de tiro do amor.

Certa ocasião, seguiu uma pequena; era o tipo da mulher moderna, estilizada, alta e esgrouviada, especie de arranha-céus. Ele, o pai, que a acompanhava, era um autentico mastudonte, vêsgo e mal encarado.

No Parque das Lorangeiras, não sem um certo receio de fiasco, o «D. Juan» Benamôr acercou-se da sua belidade e, timidamente, — ele que fóra sempre destemido noutras mais complicadas desventuras — perguntou-lhe:

— Posso escrever-lhe?

Ela, visivelmente embaraçada e receosa, respondeu:

— Moraes... Soares... 532... cave!

O Benamôr não quiz ouvir mais; pôs-se a «cavar» com tal pressa que foi esbarrar com o camelo que pacificamente andava a distrair os meninos.

Demais, o papá já o espreitara desconfiado do cantinho do olho vêsgo, e o nosso prudente «D. Juan» lá com a paternidade não queria brincadeiras.

Passado o susto, cessada a fuga e o abalroamento com o camelo,

No dia imediato, o Benamôr afoitou-se e foi até Moraes Soares. Levava umas bróasinhas finas, Castelar e de especie, mimosas e docinhas como ele — Benamôr!

Ora o n.<sup>o</sup> 532 era nada menos do que um gigantesco predio de seis andares!

— Com a bréca! Como adivinhar agora em qual deles habita a minha adorada!

Sem largar o embrulhinho das bróas, e já sob a curiosidade atrevida da garotada, o nosso heroi passeava e mirava o predio todo.

— Se calhar móra no 6.<sup>o</sup>... Olha que espiga, hein! Se ela se lembra tambem de me pôr no «cavango» pela escada abaixo!...

A aventura começava a preocupá-lo deveras, quando a uma janellinha rente ao passeio assomou o rosto indesejavel do mastudonte!

Era ele, o pai... Lá estava o olho vêsgo a mirá-lo de banda...

João Benamôr quedou-se imovel, assaz atabalhado com aquela horrorisante aparição. Só então compreendeu que aquele cave que o fizera esbarrar com o camelo era a residencia da sua Dulcinéa.

Mas... já era tarde! Não havia outro remedio senão pôr-se mais uma vez a «cavar», desta vez por necessidade e precaução...

## CRONICA DOS TRIBUNAIS

Ha dias foi julgado num tribunal formado por jurados, na America do Norte, João Baptista do Carmo, acusado de ter assaltado uma quinta, munido duma pistola. Depois de ouvidas as testemunhas e terminados os debates, o juiz entregou ao juri os quesitos para ele se pronunciar.

Decorridas nove horas de discussão, o juri voltou com a seguinte deliberação:

— O réu está culpado em defeza propria.

— O que querem os senhores dizer com as palavras «culpado em defeza propria»? — perguntou o magistrado.

— Saiba V. Ex.<sup>a</sup> que foi o unico *verdictum* sensato a que foi possível chegarmos! — respondeu o presidente do juri.

— As minhas instruções foram no sentido de que os senhores dessem o crime como provado ou não... Não pedi aos srs. jurados que acrescentassem qualquer outra coisa.

— Não houve maneira de chegarmos a outra conclusão, sr. juiz.

— Como a resposta que os senhores acabam de dar aos quesitos está bem longe de poder ser classificada dum *verdictum*, anulo o julgamento! Devo advertir os srs. jurados que incidentes desta gravidade custam uma boa porção de dinheiro ao contribuintes do condado de Bristol, e isto assim não é justiça.

\* \* \*

Na Boa-Hora. Responde um homem acusado de roubar uma carteira com 2.000\$00.

O defensor do arguido começou assim o seu discurso:

— Este homem que tenho a honra de defender é uma vitima da sociedade! Roubou por necessidade. Entrou em casa e, não tendo mais que vender nem empenhar, olhou para todos os cantos e deparou-se-lhe o espectaculo tragico e comovente de vêr os seus filhos a chorar com fome...

O réu chorava convulsivamente de fóra a enternecer os corações mais empedernidos. O juiz, bastante impressionado com o discurso do defensor e a atitude do arguido, perguntou:

— Porque chora o réu?

— Só agora sei, sr. juiz, que sou tão desgraçadinho...

— Julgava que você me dizia que estava arrependido da acção que praticou...

\* \* \*

O juiz, interrogando um gatuno:

— A sua profissão?

— Carteirista!

— Gatuno de cartelas, não é isso?

— Exactamente!

— Porque escolheu essa profissão, tão cheia de precalços?

— E' uma profissão que tem tantos precalços como qualquer outra!



# No Nacional



ENTRARAM SORRIDENTES,  
E COM O PÉ DIREITO...

## Algebra Rey Colaço e Robles Monteiro

PUBLICA-SE em Lisboa um jornal chamado *Rumor*, que sai, cremos, uma vez por semana. Insere uma secção, feita em ar irónico, onde se versam coisas de teatro. Dá-lhe até o seu autor — Rui de Sena — o título de «Rumor teatral». No último numero lá a lêmos e gostámos. Tinha como subtítulo: «Peças que pregam ou não pregam peça»... o que nos fez lembrar aquela velha cantiga que começa: «O prego que tanto prega»... Mas, adiante... Vamos transcrever a prosa porque vale mais do que pesa. Começa nestes termos:

«Estão abertos todos os teatros menos que obtiveram abertura silenciosamente...»

Não demos por nada... e ainda ninguém nos tinha dito que abrisse um ou mais teatros «silenciosamente»... Mas enfim, tudo pode acontecer! Abre...nuncio!

O nosso Rui de Sena — mas que scena — continua desta maneira analisando teatro por teatro:

«Abre o Coliseu com cinco noves, onde o mestre Covões sabe o que faz e tem feito pouco certo e abundante.»

No Politeama, de Luis Pereira sempre

zarlo português a valer, devendo-lhe artistas e cidadãos homenagens a bons actos), a *Princesa de Biarritz*, a quem alguns pecadores arranjaram um banho mal feito... cam nos braços da boa *Mamá*, que é muito decente e boa creatura e que Politeama Bastos trata com carinho para chegar a ser avó com saúde para não «aturar o medico traditor.»

O Covões a fazer publico abundante... O que será?  
A *Mamá*, que é decente... a aturar o medico traditor... O que será?  
Continuemos:

«No Ginasio, a *Primeira Noite de Mère*, e quinquagesima a seguir por Alvaro de Andrade, jazz-bandará magnificamente até Eurico ir com os seus dar o do de peito a S. Carlos lirico ó dramatico.»

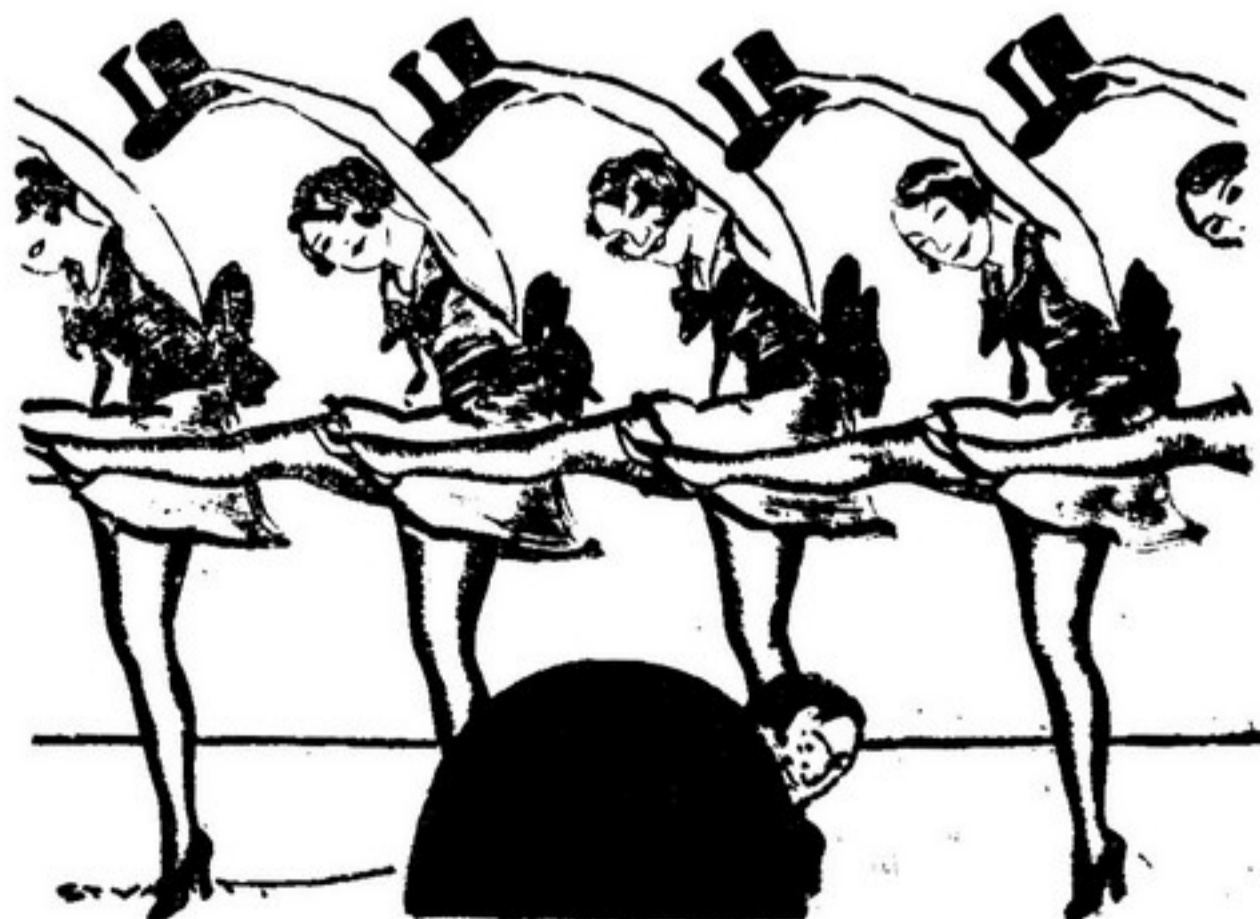
Em cozinha economica, no Trindade, o *Chá de Pereira* esforça-se para não aparecer a geopiga de que tantos não gostam.

Artur Emazu, ardido no Foz, trata-se no *Sol de Portugal*, no Variedades, aquecendo-se e tendo lucrado muito com o tratamento.»

O Eurico — sem ser o de Herculanio — lá vai com os seus dar o do... do peito...  
Perceberam?

O Emazu — ardido — está a aque-

## No palco



O ponto — Como eles arregalam o olho... ou não fossem elas ensaladas pelo nosso Stuart.



## Um grande brrrrraaavo a Luiza Satanela e Es comunicam a febre do entusiasmo ao publico

cer no Variedades em vez de o ter feito no Foz...

Continuemos — que o artigo é todo bom. Para o fim é ainda melhor. Ors leiam:

Tendo-lhe caído as folhas no Outono, o Apolo entrou no inverno no *Sixto-Sexto*, preparando-se Leopoldo Frois para ir fazer uma cura de repouso por causa dos rigores da quadra que atravessa a sua região.

*Tremço Solito* no Avenida dizem não ser de fóra de portas no esplendor e arte cidadina com que se apresenta trajado. Falado é que parece ser da aldeia, embora tenha qualidades e não fique mal a gente falar com ele.  
Até á outra vez.»

Até á outra vez...  
Cá o esperamos. Ao menos dá-nos assunto, que tão precisado é...  
Bemvindo seja o Rui de Sena... e fóra de scena, como se diz na gíria do palco...

ISTO de tomar banho ainda é uma grande coisa... Tomar banho e ficar lavado — porque ha alguns que se metem dentro de agua e saem de lá mais sujos...

O T. N. tomou banho mas ficou limpo. Tão limpo que parece outro. Foi milagre das mãos de A. R. C. Só por milagre aquilo se consegue. Não é o facto de ter passadeiras, de ter cortinas, de ter sido pintado. Não. Isso nada seria em

## NO VAR



Carlos Leal apresenta Lina De...





vam Amarante que, mesmo com uma Willicsa, enche todas as noites o Avenida e a Avenida

**VERDADES**



Zulmira Miranda e Maria Laura

outras mãos. Mas o ar que se respira agora parece outro. O ambiente mudou.

O T. N. é hoje a melhor casa de espectáculos do país e era a pior. A diferença é só esta.

Dizia-nos alguém á saída do teatro, na noite da inauguração:

— Agora até apetece vir ao T. N. Antigamente nem á porta se podia passar. Ficava-se cheio de poeira.

E não sabia este *alguem* que só carroças de lixo saíram do T. N.: dezoito!

O fillão reside, neste momento, no titulo *sorte*.

Foi a *Maré de sorte* que está levando ao T. A. enchentes e o E. B. vai remontar *O Rei da sorte*... esperando tambem que ela entre novamente no T. do G....

UM reclame do T. V. dizia assim:

**CARLOS LEAL EM RILHAPOLIS**

Carlos Leal lançou, no Variedades, um dia que tod, Lisboa repetiu: «eu digo a ele...»

Esta manhã, ao tomar o eléctrico: «Para onde vai este carro? — E o condutor, a viri? — Não, eu digo a ele...»

Um galgo da Avenida: «Fui tróes de 1.000 contos? O rapaz, muito certo: «Fui sim, eu digo a ele...»

A vinte perguntas que fez, ouviu Carlos Leal a infalível resposta: «Eu digo a ele!» Corre ao teatro: «O'

**No Politeama**



**NÃO SENDO GALINACEOS FIZERAM DUAS BRILHANTES CREAÇÕES**

**Auzenda de Oliveira e Henrique de Albuquerque**

Dona Mateus, em estardalhaço: «Volve-me este, em ar de troça: «Pois sim, eu digo a ele...»

Carlos Leal, possesso, praticou então tantos desatios que teve de ser internado em Rilhapolis.

Não é verdade!

de nacionalidade francesa e célebre criador das actas modernas e teatraes em Portugal.

Não demos, francamente, por essa tal criação... E possível — como tudo é possível — mas não nos lembramos...

O actor Inês ficou a tocar no bolso do *Pano de Ferro* do Jorge de Faria. No sabado lá vinha um cele, intitulado: «Verdades duras» e entre estas destacamos a que se segue:

«Dama es, flores, o que quizerem, mas eu não posso admitir que um actor ganhe mais, que a troça do que ganha o actor da universidade de Coimbra.»

«Ai seu A'ru! Meteu goa!!»

A meio do ultimo acto duma peça que se estreou a semana passada, no momento de entrar em scena um personagem e de dizer para o outro: — «Senta-te e ouve!» — houve tambem um espectador que exclamou:

— «E' o ouros. Eu, pelo menos, não delzo.»

E desistiu a pater furiosamente.

UM jornal da Madeira, num *reclame á tournée* que anda fazendo pelas ilhas a *troupe* do bailarino Georges Edgen, diz o seguinte:

«A direcção artistica deste grupo está cargo do notavel actor Georges Edgen,

PREPARA-SE uma grande festa a um artista. Já se diz que deve ser qualque coisa de espanpanante e de ruído!

Estamos á espera... dessa bomba — porque a sera, temos d'isso a certeza.

**O Homem das 5 horas**

**No camarim**



— Você tem tido muitos sucessos?  
— Não, só tive um bom successo.



## BOM HUMOR

— E' lamentavel! Morreu a minha sogra!  
— Não seas hipocrita!  
— Não sou, não senhor! Morreu sem me pagar 500 mil réis que me devia...

\* \* \*

— E aquele seu sobrinho que foi enxertado pelo dr. Voronoff?  
— Morreu!  
— Na operação?  
— Não! Debaixo dum camion!...

\* \* \*

Elas — Decididamente! Perco a cabeça! Esqueci-me de comprar um chapéu!

Ele: — Mas, filha, se não tens cabeça porque vais comprar um chapéu!

\* \* \*

Pergunta de avó:  
— Se teu pai te desse cinco escudos por semana, quanto tinhas no fim do mês?

— Um gramofone, uma escova electrica, um fato novo e uma caixa de bombons!...

\* \* \*

Ela: — Sabes quais foram as primeiras palavras de Romeu quando viu chegar Julietta á janela?

Ele: — «Ouve, adorada, para a outra vez espera-me no jardim»...

\* \* \*

— Emprestas-me 50 mil réis até sabado?

— E se morreres até lá?!

— Sou bastante honesto para te fazer essa partida!...

\* \* \*

Na rua:

— O marido não é mau rapaz, mas...

— O quê?

— E' pouco honrado. Ontem roubou-me um guarda-chuva que lhe tinha emprestado ha um mês...

\* \* \*

— Creio, doutor, que não lhe devia pagar a conta?

— Porquê?

— Porque fui eu que contagei de «grippe» todos os moradores deste bairro!...

\* \* \*

Num escritorio:

— O director está?

— Não. Foi almoçar!

— Demorará muito?

— Não! Está comendo com a mulher!...

\* \* \*

— Quando se casa sua filha?

— Nunca!

— Como nunca?!

— E' que o noivo não pode casar sem pagar as suas dividas e... não pode pagar as dividas sem se casar!



— O meu papá deu-me, pelo Natal, duas bonecas.

— O meu, um talher com letras gravadas.

— E o que diziam?

— Companhia dos «Wagons Lits»...

## O amor e as profissões

O Amor! E ninguem até hoje, nenhum filosofo da antiguidade ou poeta contemporaneo, conseguiu definir por completo esse misterioso sentimento que provoca cegueiras no lado esquerdo do torax as viúvas de certos e tira quasi sempre o apetite ás meninas estilizadas, que se escanzelam todas por amor dos papos-sécos.

Os antigos, que já percebiam muito bem destas coisas, figuraram o amor num menino rechonchudo e maroto que, armado de carcaz e de setas, disparava a torto e a direito, ferindo mortalmente as suas descuidadas vitimas.

Menino e moço — os amorosos vem nele o simbolo da juventude eterna e julgam, pobres deles, que o amor nunca envelhece. Mas os que já tiveram a desdita d'algumas desilusões amargas, vem nas azas de Cupido uma demonstração de ligeireza e incostancia: o pequenino deus é alado e por isso ele voa e é cruel. Mas as dores do amor são gostosas — e, franqueza, franquezinha, antes ter uma dor de cotovelo do que sofrer uns calos...

O nosso saudoso e grande Augusto Gil pôs, num dos seus mais estimados livros, estes dois versos:

*O amor em quem aparece  
dizem que faz maravilhas...*

E faz. E uma delas é tornar os velhos em rapazes e por consequencia as velhas em raparigas. Pois se Cupido é um menino, não admira que ele rejuvenesça as pessoas maduras.

Um padre, muito lido em mitologia e literatura pagã (ou classica, para empregarmos uma expressão menos escandalosa), dizia muitas vezes:

— Ainda bem que Cupido é sempre menino, porque sendo já ele tão pequeno e tão maroto, o que não faria se fôsse mais crescido?

E tendo eu dito mais acima que ainda ninguem deu do amor uma definição compieta, vou demonstrá-lo com algumas expressões. O amor difere de profissão para profissão, embora um medico, por exemplo, não ame mais *scientificamente* que um alfaiate, que tambem usa tesoura e corta, e opera com tal arte que de todas as vezes que nos dá um fato arranca-nos a pele e a camisa; nem, do mesmo modo, um aviador ama mais *aereamente* do que um poeta lir-

co, que anda sempre com a cabeça no ar.

Pelas expressões a seguir, tiradas do natural, vou provar-lhe que o amor sofre todas as influencias do meio e varia de profissão para profissão, este mesmissimo amor que é tambem uma profissão para algumas creaturas:

*Um senhorio:* — O' filha! acabemos com isto. O amor não é um arrendamento a longo prazo. Estou farta de te aturar. As tuas traições trespassam-me as entranhas. Tem dó de mim. Deixa-me pôr escritos!

*Uma inquilina:* — Com que então, seu patife, querias variar? Pois daqui é que não saio. A casa é a sepultura dos vivos. Juro-te que para cá não vem outra. Pôr-me na rua? Tenho a lei a meu favor.

*Um relojoeiro:* — O meu coração é um relógio. Se a menina me desse corda, eu era o homem mais feliz de Lisboa e arredores...

*A freguesa:* — O senhor não regula bem. Corda, só para o enforçar.

*O relojoeiro:* — Sua má! Queria então vêr-me com a lingua de fóra?!

*Um caixeiro de modas:* — Vou medir, com consciencia, este corte de seda. Assim pudesse V. Ex.<sup>a</sup> medir com generosidade a extensão do meu affecto...

*A freguesa:* — Meça bem mas é a distancia que nos separa.

*O caixeiro:* — Apenas um balcão, que podia ser, se V. Ex.<sup>a</sup> quizesse, o balcão de Romeu e Julietta...

*A freguesa:* — Está enganado. Só frequento os balcões de cinema...

*Um oficial de marinha:* — As mulheres, com as saias curtas, parecem-se com os navios... Andam de pernas á vela...

*Um piloto:* — Os teus olhos atraem-me como o iman. Se a bussola do meu coração ficar doida, perco o rumo e não te queixes depois se eu der á costa...

*Um marujo:* — O' filha! não digas mais. Bem sei que me amas mas o teu amor é outro. Descança que eu nesse bote não vou...

Com estas rapidas amostras forneço aos meus queridos leitores algumas luzes sobre a psicologia moderna do amor, luzes muito mais economicas do que a das Companhias Reunidas...

S. Gredo

## EM PEDROUÇOS



— Parece mal perguntar aquele pateta se quer dançar connosco?

## HISTORICAS

Comiam juntos Eugenio Sué, Honorato de Balzac e Enrique Heine e queixava-se este das suas amarguras conjugais, escutando-o os dois novelistas franceses. Pouco a pouco mudou o tema da conversação e falou-se de questões politicas e sociais.

— O socialismo, que se julga novo — dizia Balzac — é um velho parricida, que matou a Republica, sua mãe, e a Liberdade, sua irmã.

— Não é uma vergonha — dizia Sué — que a uns lhes falte o necessario e a outros sobre o dispensavel?... Que lhe parece, Heine?

— Creio — respondeu o poeta — que tudo são contrastes e que sem estes nada é possivel. O tempo está composto duma perpetua successão de dias e de noites. O homem e a mulher representam autentico contraste e sem que eu necessite lembrar-me da minha! Duas dissonancias produzem uma harmonia...

— Sim; tambem a politica é contraste? — perguntou Sué.

Enrique Heine respondeu: — Em politica, o unico regime estavel parece-me que seria uma Republica governada por monarchicos, ou uma monarchia governada por republicanos.

\* \* \*

No seu recente livro «Notas de uma Vida», diz o Conde de Romanones:

«De ter, como dizia um dos meus cleitores, «buenos remos» (boas pernas), é possivel que tivesse sido o toureiro a minha occupação favorita, porque o toureiro é luta verdadeira e a luta tem sido o melhor atractivo da minha vida.

«Tambem na politica se toureia, que é combate constante e de morte, definitiva como na praça, onde tambem o publico é o supremo soberano.

«O toureiro, como a politica, requer vista para entrar a tempo na sorte; coração para rematar; tecnica para despegar o inimigo; agilidade de braços para vaciar, evitando o *embroque*; oportunidade para entreter, dando *largas* e outras sortes. Na praça e no Parlamento existe igual emulação entre os primeiros «espadas» e os grandes oradores; igual numero de aplausos, as mesmas invejas e vaidades, e nem mesmo falta a luta dos «novos» e velhos; e até o choque entre a escola antiga e moderna...»

\* \* \*

Um embaixador de Franca na corte de Veneza queixava-se do facto do terem felicitado a rei, seu amo, por uma vantagem alcançada sobre a Espanha, com que ansiava em guerra, e de terem, ao mesmo tempo, testemunhado ao rei de Espanha o sentimento pela sua perda.

O Doge respondeu então ao embaixador que isso lhe não devia causar admiração, pois Veneza praticava assim a lição do Apostolo que manda alegrar-nos com os que estão alegres e afligir-nos com os que estão aflitos.



— Vou dar-lhe um pouco de casa?

— Pf! Cem escudos por mês, mas faço o dobro com o patrão.



# ESTOMAGOS

Hiper-produção super-gigante, de uma intensidade dramática que só vista, num prologo e trez epilogo, que até fazem impressão

## PERSONAGENS

A metade, Greta Garbo.  
O marido, Douglas Fairbanks.  
1.º amigo de ambos, John Gilbert.  
2.º amigo de ambos, John Barrimore.  
3.º amigo de ambos, Qualquer outro John.

Scenários, angulos, exteriores, interiores e outros palavrões técnicos—tudo conforme com o bom gosto do espectador cinefilo e...

## PROLOGO

Projecta-se na tela o «quarto de cama» da Greta, vendo-se sobre a «cama do quarto» e os joelhos dos três «Johns» a sobredita cuja Greta, que beija sófrega e publicamente as patilhas do Gilbert. Entretanto,, o Barrimore e «Qualquer outro John» beijam a Greta.

A parodia é comum e perfeita. De subito, apanhando os interpretes e a platela a olharem entusiasmados para a Greta, o Douglas entra em scena pela janela. Aproveitando a ocasião em que os artistas e espectadores estão positivamente com os olhos boquiabertíssimos de espanto pelo importuno, finda o prologo...

## 1.º EPILOGO

(à americana)

Ao deparar com o panorama, o marido, não só por saber que tudo aquilo é finta como por ser americano, pleno de fleugma, impavido e sereno, dirige-se ao grupo dos aliás conspurcadores da sua honra e... convida-os para jantarem...

Aqui, antes que o «respeitavel publico» comente o acto e parta as cadeiras e a cara ao empresario, o realizador, pé ante pé, resolve finalizar o primeiro epilogo...

## 2.º EPILOGO

(à francesa)

Ao saltar a janela, o Douglas, já muito aborrecido com o insucesso do primeiro epilogo, espreguiça-se, boceja e finge que só então nota a presença da metade e dos restantes três oitavos... Mostrando uma alegria que se percebe bem ser bastante-falsa, sauda e cumprimenta os quatro, que correspondem amáveis, incluindo a Greta, que o faz com o Garbo proprio...

Em seguida, o marido, que então já se vê bem ser mais do que isso, pede desculpa da interrupção e licença para se retirar... E retira-se, de facto!

Mutação rapida para o terceiro epilogo, evitando, assim, o realizador que haja sabotage na sala...

## 3.º EPILOGO

(à portuguesa)

Regressando-se, de novo, ao salto pela janela, do fim do prologo, neste terceiro e ultimo epilogo, vê-se imediatamente que o marido, apesar de ser o mesmo, recolhe a casa entre as dez e as onze, se bem que a acção decorra às quatro e quarenta e quatro da manhã...

O realizador, nesta altura, metteu umas partes, não direi gagas mas mudas, pois o filme não é sin!...cronico—partes que são: uma estatística da mortalidade anual do glóbo, uma aventura do Capitão Morgan, «o crime de Mary Dugan», etc.

Tudo isto, bem entendido! prepara o publico para o final que, como verá quem tiver coragem de lêr, é hiper, mesmo muito hiper-tragico...

Coitadinho do marido! A platela, já comovida, vê que o homem volta a reparar,—mas desta vez como quem tem uma alucinação,

na mesma paisagem—a Greta com os três ...

E' nesta altura que se reconhecem as excepcionais qualidades do artista-marido: este passa a mão pela testa—num gesto ambiguo—e, ao retirá-la, mostra uma máscara congestionada, apopletica: bigode eriçado, testa franzida, dentes cerrados, olhos chamejantes, numa expressão de tal modo horrível que os quatro cidadãos corruptos se levantam simultaneamente e tremem com razoavel intensidade.

Em novo pulo, Douglas, rugindo de colera, precipita-se escandalosamente sobre os três miseráveis másculos, enquanto a Greta, abandonando o garbo, tal tragicamente sem sentidos—por não saber que outro partido tomar...

A luta entre os «astros» restantes é sideria! Tremenda! Colossal! Titanica!!!

Os galãs, que, como Vossas Excelencias já repararam, são todos galãs-heróis, defendem-se briosamente e só a agilidade espantosa e incomparavel do Douglas pode conseguir que o marido se mantenha, enquanto os restantes moveis da casa entram em completo desacôrdo com a ordem e a longevidade...

## FIM DA PRIMEIRA PARTE DO 3.º EPILOGO

A segunda parte segue imediatamente, mas ha um intervalo de quinze minutos.

Isto parece falho de logica, mas é mesmo assim.

As conveniencias do intervalo são muitas: faz parecer o programa maior; deixa respirar um pouco o publico, que está suspenso da fita; dá tempo ás Marques para decidirem sobre a competencia fotografica dos cineastas e a quantidade e a qualidade dos vestidos das Vasconcelos. Permitem aos ca-

valheiros que se exibam no hall, ás pessoas conhecidas que se cumprimentem orgulhosamente e aos que ainda se não habituaram a estas coisas cinefilas... que se aborream...

... A' sala ...e recomeça a sessão:

Vê-se que os artistas não jogam em rounds porque não aproveitaram o intervalo para limparem a respectiva transpiração.

O combate é cada vez mais intenso—se é possível

Mas, enfim! como o filme não é interminavel, acaba o marido—que representa a razão—por derubar os adversarios e ficar só no meio daquele caos de moveis pulverizados e corpos quasi idem... Depois passa mais uma vez a mão pela frente problematicamente nobre e muito encharcada e, sorrindo diabolicamente, entrega-se á macabra scena que fecha o epilogo, que é o clou do filme, que espanta as multidões, enche os cinemas e enriquece os proprietarios, que sorriem felizes...

Arrastando para o meio do campo de batalha os corpos exangues dos quatro infieis, o marido, depois de «desfraldar vinte e cinco centímetros de ponta e mola», lhe assentar o fio e experimentá-lo, depois disto...—oh! é horrivel!—descasca e parte ás tiras as quatro infaustas vitimas da sua ferocidade canibalesca e da arte do silencio...

Como é assim, horripilantemente, que termina o filme, as senhoras cinefilas podem e devem desmaiar espalhafatosamente, entre gritos e choros convulsos, deixando aos cavalheiros a liberdade de empalidecerem... empalidecerem... e sairem silenciosos...

S. Neves

## Depois das férias



— E depois tu não queres que eu me queixe?! Sempre és muito distraído, Fortunato... Lá te esqueciste de trazer à mãe tua com os li-



## Coisas de criança



— O' papá, o meu padrinho também é padrinho da mamã?...  
— Porque perguntas isso?...  
— E' porque ele ontem também lhe deu beijinhos?!



# O sr. Silva

Não havia lá na freguesia esposos que se dessem melhor que o Silva e a senhora Emilia, sua simpática cara metade.

O bem dum era o bem doutro; o mal dum trazia sempre o pezar ao outro.

Longos anos correram sem que uma nuvem sequer toldasse aquele céu de venturas, bem difíceis de exceder.

Um dia, o sr. Silva apareceu em casa, vindo do trabalho nobre e honrado — mas sem ir bêbedo como o Brotas que o Nascimento Fernandes interpreta a capricho — e queixou-se á mulher de qualquer coisa que o trazia muito mal disposto.

— Tu estás doente, meu filho! O melhor é meteres-te na cama.

O Silva, sempre respeitoso dos desejos da esposa e convencido da doença, aceitou o conselho e... deitou-se.

Horas passadas, a pedido da cuidadosa esposa, vem o medico.

Observou o doente. Tira-lhe as pulsações. Vê-lhe a lingua. Acha-a vermelha em demasia, o que o leva a perguntar:

— O senhor tem fastio?  
— Não, graças a Deus, sr. doutor.

— Mas... diga-me lá então o que comeu hoje ao almoço?

— Comi pouco: uma posta de bacalhau com batatas, uma galinha, fruta e um litro de vinho...

— E ao jantar?

— Duas postas de pescada, uma perdiz, três costeletas de carneiro, dois litros de vinho, fruta e queijo... Mas eu sinto-me muito doente, sr. doutor.

— Bem sei... O senhor está doente, de facto... Mas diga-me: e ontem o que comeu ao jantar?

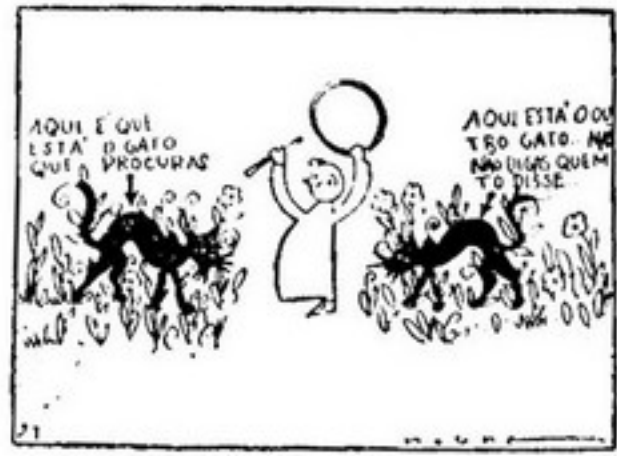
— Ontem... Ontem... comi dois filés com batatas, meio peru, um litro de vinho, queijo, fruta e doce...

— Ah!...  
— Mas eu estou de facto doente, sr. doutor... E o que me receita?

— Nada...  
— ?!

— Apenas uma operação para lhe arranjar um sitio por onde sair essas coisas... O senhor só tem um...

## Desenhos misteriosos



Veja o leitor se consegue descobrir — entre a folhagem — onde está o gato.



— Então V. seu maridão, não vem jantar a casa e ainda por cima me diz que não foi comer ao 'Castelo dos Mouros', no Parque Mayer? Seu patife!

# TAC-TAC-TAC O papagaio

Naquela manhã fria de Dezembro, descera da algidez do seu ninho desprovido uma agulha real, de olhar fulgurante e garras enclavadas.

Poisando abruptamente num pico do rochedo escaldado, a agulha relanceou a sua vista cubiçosa ao derredor, fixando a orla do bosque, cujas arvores esqueléticas e nuas tinham um triste ar de desolação. Deixara o seu ninho sem mantimentos e as agulhas pequeninas chilreavam estridentes com fome, muito mais desassombadamente do que as crianças quando hoje em dia reclamam de mamar.

Bateu com fragor o bico recurvo de encontro ao escarpado rochedo e, num repelão, pensou: «Dê por onde dê, não voito a casa sem levar alguma coisa para os pequenos!»

De novo soltou um vôo planado e, de tronco em tronco, andou buscando por todo o vasto bosque algum alimento que se visse para levar á prole esfomeada.

Mas, nada! Nada; literalmente nada. Nem, sequer, uma ratazana de má morte!

Resolveu, então, subir para do alto dominar mais vastos horizontes e ver se adregava de lobrigar presa conveniente. Mas aquilo era mesmo o que se chama má-sorte! Nem galinha vadia de quintal; nem anho tenro, esgaceado a pinchar de fora do redil. Nisto, avistou a agulha qualquer vulto que na cerca dum chalet perdido entre arvoredos agitava as azas, soltando berros de rom desconhecido.

Não hesitou: — marcou o sitio e picou verticalmente sobre o vulto. Era um papagaio verde do Pará que um velho marinheiro baseco para lá levava, a quando abandonara as lides exaustivas do mar largo.

Falava em portuguez o papagaio

e, habituado que fôra ao trato dos marítimos, seus termos peculiares empregava, sempre que queria exprimir a sério os seus pensamentos. Ao sentir-se arrebatado bruscamente pela agulha, gritou aflito: — S. O. S.! camaradas! que temos borrasca grossa...

A agulha, ouvindo aquele esquisito bicho verde falar de fôrma tão estranha, resolveu, para prevenir surpresas, engulir o papagaio inteiro e levá-lo, a bom resguardo, para os filhos. E, abrindo a guêla, enguliu o pobre bicho desde a cabeça até á cauda multicôr. E levantou o vôo ás mais altas regiões.

O papagaio, que já perdera o habito das viagens, começou a sentir-se enjoado e com falta de ar. Lá como ponde, foi avançando muito intrigado por um verdadeiro labirinto de tripas e tripinhas, até que descortinou um buraco por onde afoitamente enfiou a cabeça. Viu-se, assim, numa especie de janela guarnecida dum comodo parasol (que era a cauda da agulha) e respirou com aliviada á-vontade.

A agulha nem deu por isso, absorta, como ia, pela difficil manobra de voar contra o vento e sem sextante á mão.

Já avistara o seu ninho e começara descendo, quando o papagaio, que fazia de observador, reparou que um caçador se preparava para abater a a gula.

Embora se sentisse muito aflito, dado o perigo imminente que corria, resolveu com prudência esperar que a agulha descesse mais e, quando lhe pareceu que já o caçador poderia ouvi-lo, gritou a plenos pulmões:

— Atira-lhe para o beque! que na pápa vou eu!

Girano de Valfraç.

## MULHERES DE VIRTUDE...



Entre as coisas que vou lendo  
Ou a que tenho assistido,  
Ha coizas que não entendo,  
Coizas que não compreendo,  
Porque não fazem sentido.

Todos notam, consternados,  
A crise de caracteres,  
E gritam, apavorados,

Que faltam homens honrados  
E virtuosas mulheres.

Pois Ferreira do Amaral  
Exige com modo rude  
E em nome da sã moral  
Que se acabe em Portugal  
Com as... mulheres de virtude!...  
JOAO FERNANDES

# Verdades

D. João IV concedera certas liberdades ao povo, o que não impedia este de continuar vivendo sob umas certas anormalidades e pressões.

O povo, todavia, crendo na benevolencia do rei, mal ele aparecia nas ruas, gritava contente:

— Viva o Povo Soberano! Viva o Povo Soberano!

E o rei, na sua carruagem, dizia com os seus botões:

— Pois sim... Mas eu vou de carruagem e vocês vão a pé...

\*\*\*

Isto passou-se ha algumas dezenas de anos.

A ante-câmara do ministro estava cheia: politicos, jornalistas, amigos.

Era um vai-vem constante de pessoas que, querendo aproveitar-se dos sorrisos do ministro, iam all procurá-lo para lhe solicitar qualquer coisa, sempre com a maior justiça — porque quem solicita julga-se sempre cheio deia.

Entre a gente que aguardava a anciada recepção ministerial encontrava-se uma senhora ainda nova e bastante gentil, sobre quem recaiam os olhares de todos os que estavam na ante-câmara ministerial.

O ministro, a certa altura, fatigado, desistiu de receber quem quer que fosse.

Um jornalista, porém, compadecido pela senhora que aguardava havia algumas horas a audiência ministerial e — quem sabe? — perdendo a paciência com os olhos bravos, entrou na sala e solicitou do ministro a sua recepção.

Quando o ministro e a senhora foram sentados pelo jornalista ao publico e, em o meio dos sorrisos e perfumando a sala de confidencias, se sentou num sofá a seu lado.

O jornalista, revolvendo-se com coiza e varios amigos, afastou-se para um canto do gabinete de onde se não via nada do que se passava entre o ministro e a tal senhora.

Durava já a conversa havia perto de meia hora, quando se ouviu o som de um beijo repenicado.

O jornalista saiu do canto onde estava conversando e olhou significativamente para o ministro, que teve esta frase lapidar — para salvar as apparencias:

— Conheço-a de pequenina!



CRIADO DISTRAIDO

**A PENINHA REABRIU!**  
COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO

Desaja V. Ex.º almoçar, jantar ou ceiar bem com suas Ex.ºas Famílias e com o cogo? Vá a este tradicional Restaurant. — Variedade de menus, cozinhas á portuguezas, ótimas salas para famílias com pequenas mesas, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Fervente almoço, jantar ou qualquer outra refeição se desejar, para o qual se recebem os mais honrados convidados. — Aberto de 10 a 11 horas.

TELEFONO N. 5555

**9, R. Pascoal de Melo, 9-A**  
ao Almirante Reis

**Quereis dinheiro?**  
Jogal no

**Lama**

em a lotaria, a...  
**Sempre sortes grandes!**





O que se diz e o que se não deve dizer

# OS MISTERIOS DA «VOLTA DA FRANÇA»

Anunciando o numero do Natal do *Noticias Ilustrado*, publicou o *Diario de Noticias* o respectivo sumario. Lia-se, em certa altura:

«Os intelectuais e o «soprt» Formado em direito! Formado em «foot-ball»! O dr. Abrantes Ferrão, novo medico, é uma das mais fortes esperanças do «foot-ball» desta epoca.»

Começa logo porque o dr. Ferrão nunca na sua vida foi Ferrão. Mas o que ainda é mais extraordinario neste extraordinario intelectual é o seu um novo medico formado em Direito!

\*\*\*

Continua complicada a politica da bola. Mas apenas aparentemente complicada.

Eu acho até muita graça quando oiço certas pessoas afirmarem que: — as coisas estão muito mais bicudas do que parecem...

Não estão tal! E como poderiam estar? Os jogadores que ganham muito mais como amadores não querem evidentemente o profissionalismo. Quasi todos os clubs de envergadura não querem evidentemente o profissionalismo. Os orientadores-viajantes tambem não querem evidentemente o profissionalismo.

O que opôr a tudo isto, como força activa?

Aqui fica uma profecia: — O unico sacrificado em toda a edificante historia da viagem ao Brasil será o sr. Placido de Sousa. Os outros... hão de se ageitar...

E está bem que assim seja. Porque com todos os seus defeitos, o presidente da Federação foi sempre algo diferente dos outros...

\*\*\*

O falecido Clemenceau pratica-

ocê ha de morrer vinte anos antes de ter atingido a idade do Tiva todas as manhãs, regularmente, exercicios de educação fisica.

E certos politicos franceses que vivem ainda á sombra da sobreca-saca de Gambetta achavam sacrilegas aquelas praticas. Um deles afirmou até:

— «Final, todas essas flexões, todas essas gymnasticas, não o impediram de morrer, como toda a gente.»

Alguem respondeu: — «E' verdade! Simplesmente, gre. O que, de resto, tem pouca importancia para o pais...»

\*\*\*

Perseguida por toda a parte, a candura refugiara-se no desporto. Era no desporto que ainda se encontravam os semi-deuses e as suas proesas maravilhosas.

Panegiristas inflamados, com aimas de poetas antigos e penas entusiastas, celebravam a epopeia moderna do estadio e da estrada.

Pois... tudo isto nos querem roubar. A União Velocipedica de França, guarda suprema do culto ciclista, começa a destruir os seus herois, despojando-os da sua grandeza e do seu misterio e revelando a sua humana fraqueza.

Carlos Pelissier, um dos três irmãos que adquiriram celebridade espantosa no ciclismo, acaba de ser desclassificado por se ter provado que percorreu uma *étape* da *Volta de França* a reboque dum automovel. E o que é mais engraçado é que a falta de Pelissier foi cometida por muitos outros, antes e ao mesmo tempo que ele.

Ora vá lá, depois disto, acreditar-se no *martirio dos gigantes da estrada*...

\*\*\*

Vieira Alves, um esplendido nadador do Sport Algés e Dáfundo, acaba de realizar a proesa de fazer a travessia do Tejo no dia de Natal. Chegou muitissimo fresco, sem ter sido untado e quasi que parecia, quando chegou á praia, que tinha saído dum tépido banho na tina da sua casa.

Até aqui está tudo muito certo e o acontecimento é digno de registo.

Mas o jornal que em primeira mão deu essa noticia cometeu a maior *gaffe* que Deus foi servido plantar no universo:

Publicou o retrato do nadador com um formidavel sobretudo de gola de peles.

Então, um homem que resiste ao

frio da agua do Tejo, num dia de Natal, com mau tempo, pode, porventura, usar sobretudo?

Pode o seu pescoço, que sem custo resistiu, durante 48 minutos, á temperatura frigida e salina das arripiantes aguas, sustentar, mesmo que seja só durante o tempo da pose, o calor da gole de peles?

Não. Aquele retraio deve ser do irmão gêmeo de Vieira Alves.

Um homem que toma banho de mar num dos dias mais frios do ano não pode usar sobretudo. Não pode, não pode, não pode!

\*\*\*

Quando dum projecto de gentil balburdia, ontem realizado no campo das Amoreiras, e do qual resultou a entrega da bengala e do chapéu ao Vitor Silva, o irmão deste, o Pedro, quiz defender a integridade da familia que, embora não estivesse em perigo, sempre... podia haver qualquer azar, ouviu-se uma voz dizer:

— «O' Pedro, deixa lá isso. Olha que foste reprovado na inspecção e o box é mais violento que a bola.»

\*\*\*

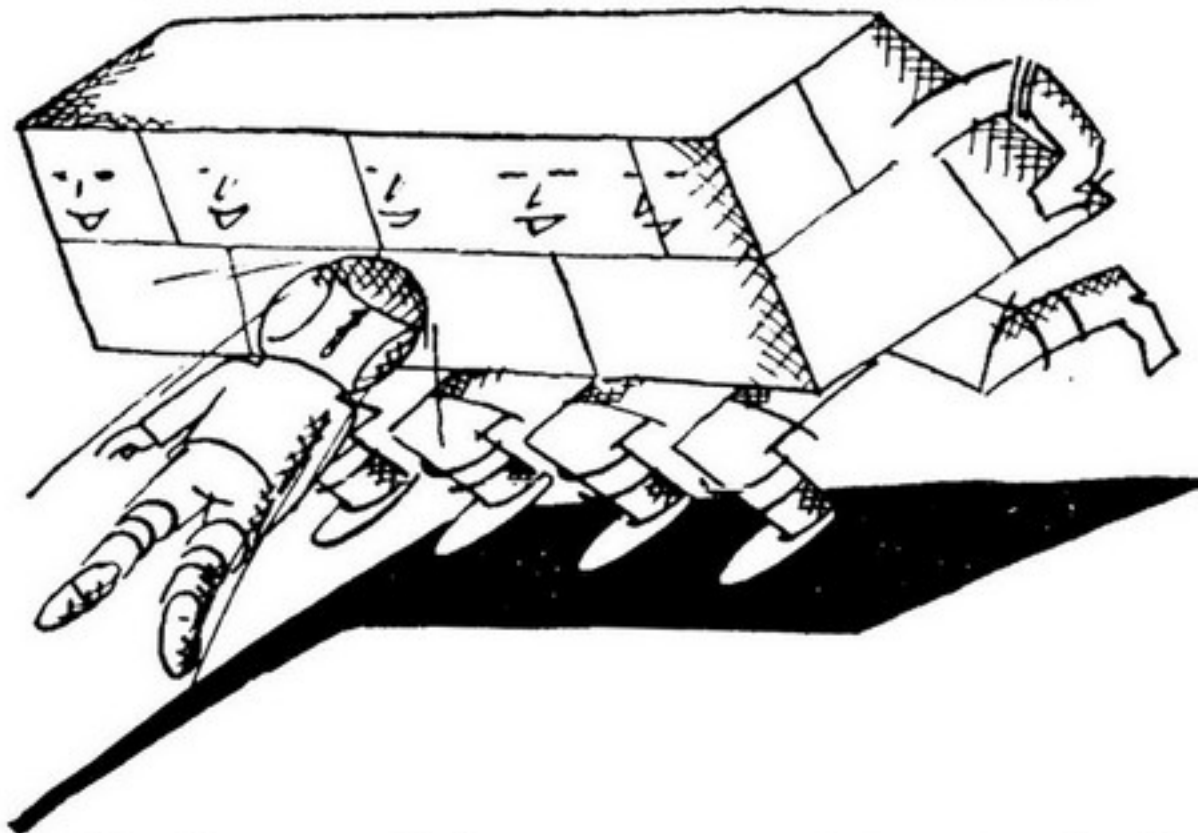
Anunciam as gazetas que o «Rapid» de Viena jogaria três desafios na Cidade Invicta.

Final não é de Viena, mas de Praga, o tal «Rapid». Não é húngaro, mas tcheco, o rapidissimo «Rapid», que de rapid...o nome tem, mas que levou de entrada uma tareiasinha duns jovens tripeiros que se constituíram em *team* representativo do Porto.

E' caso para cantar:

E' de Viena ou de Praga.  
A tal «equipe» catita?  
Como o Zé Povo 'inda paga!  
Como 'inda vai nessa fita!

## O verdadeiro ASSUCIEICHIANE



Ó Bemficas... vocês bem queriam penetrar mas aquilo não era o Barreirense era UMA BARREIRA...

## O que pensam em verso alguns homens da bola

Roquete:

Defendo a bola, concordo,  
Durante um encontro inteiro.  
Mas trabalhei mais a bordo  
Defendendo o meu dinheiro.

Candido:

Dizem que faço discursos  
E que sou mestre em falar.  
A gente usa de recursos  
Para podermos ganhar.

Mais Loureiro:

A's vezes mete-me dó  
O publico entusiasmado.

Mais vale seleccionar só  
Do que mal acompanhado.

Antonio Soares:

Quando oiço falas perdidas  
Dalgum fulano casmurro  
Não estou com meias medidas:  
Resolvo as questões a murro.

Berdó:

Ponho-me sempre de fóra  
Das varangas a rôdos.  
Ganham por nome, embora,  
Mas usam mais que eles todos.

ZÉ MARIA.



Um penalty de que pode resultar um corner.

**BERTI AND IRMA, Lda**  
FOTOGRAVADORES  
TEL. 5. 96  
LMA CORREIA DO RIO  
L. I. S. 27



# ECOS DA SEMANA

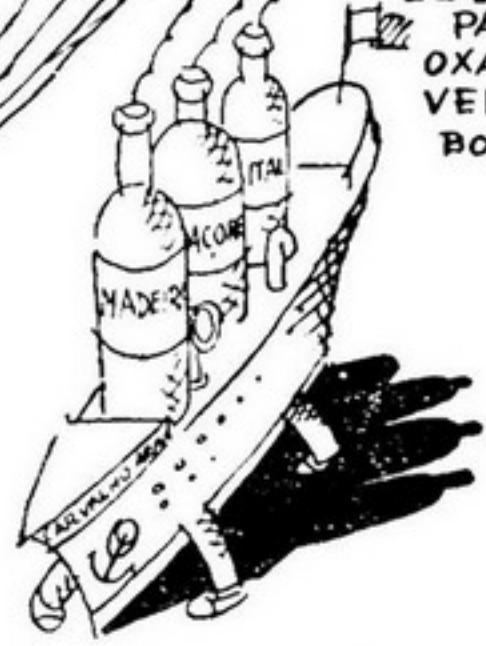
## BOAS FESTAS

## ANO FELIZ

VER FIM  
BAIXO A  
GREVE  
DOS ESPIRITOS

O NOVO ANO ASSISTE AOS ULTIMOS  
ESPECTACULOS DA COMPANHIA  
DE 1929

O CARVALHO DE  
ARAUJO, FOI DEI-  
TADO A AGUA...  
COM VINHO, EM  
VEZ DE CHAM-  
PAGNE...  
OXALA NAO  
VENHA AOS  
BORDOS



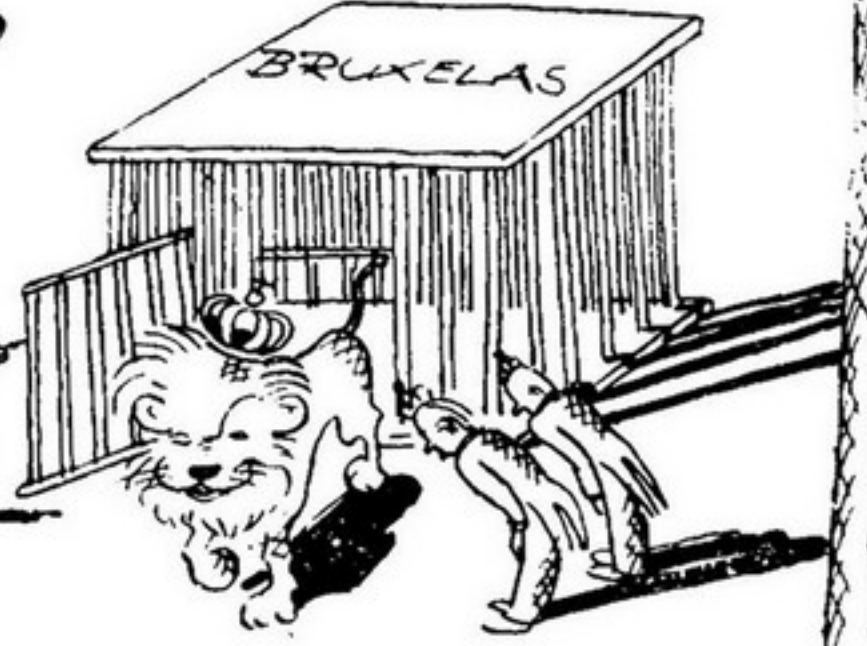
OS PASSARI-  
NHOS DA AVE-  
NIDA TEEMUM  
LINDO CANTAR  
MAS.

CONSIDERANDO OS ESPIRITOS QUE ESTAO SENDO  
EXPLORADOS INFAMAMENTE PELA BRUXARIA...  
POIS FAZEM O TRABALHINHO TODO A BORIA... RE-  
SOLVERAM POR-SE EM GREVE...  
VIVA A GREVE!  
ABOIAO

SZIGETI  
DESPEJOU NOTAS  
QUE FOI UMA CONSO-  
LACAO MENINAS  
HOUE QUE QUIZERAM  
DESPEJAR-SE SOBRE  
ELE COM O ENTUSIASMO.



ABAIXO OS PAPALVOS !!



O LEAO DAUDET  
FOI POSTO A SOLTA (REGIMEN  
ALEMAO DE HANGBECK).  
POR CAUSA DAS MOSCAS  
ALEMAS.



OS ESPIRITOS  
DE SOUZA  
MARTINS E CAMOBS  
VIERAM QUEIXAR-  
SE AO GOVERNO  
CIVIL



O 1929 COMO FOI UM  
BOM PONTO FICOU  
DARA PONTO  
DESTA APOTE-  
OSE

